

“Deeds not words”²



Relembando a passagem do centenário do voto de Carolina Beatriz Ângelo, pretendemos assinalar o feito relacionando-o com o quadro de antecedentes nacionais e estrangeiros, face ao sufrágio. A presença de feministas britânicas em Portugal, ou vozes e ecos das suas posições, ilustrará o enquadramento anglo-português relativo ao sufrágio feminino, e ao facto ocorrido em 28 de Maio de 1911, na cidade de Lisboa, e cujas fronteiras foram amplamente ultrapassadas.

¹ Isabel Lousada (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais CICS.NOVA-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA.FCSH/UNL) Avenida de Berna, 26 C, 1069-061, Lisboa, Portugal). Possui os graus de Licenciatura LLM (1984), Mestre (1989) e Doutor (1999) em Estudos Anglo-Portugueses. Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da FCSH - UNL; Investigadora Integrada do CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais; Investigadora colaboradora do CLEPUL - Centro de Culturas e Expressões Lusófonas e Europeias da UL.Participa na rede WWH - Women Writers in History; Sócia da AEIHM - Asociación Española de Investigación de Historia de las Mujeres; Sócia da Sociedade Portuguesa de Geografia - vogal da secção de História da Medicina; Sócia da APE - Associação Portuguesa de Escritores. Alguns dos seus textos estão acessíveis através do Repositório da Universidade Nova de Lisboa: <http://run.unl.pt/> <http://www.fcsh.unl.pt/faculdade/docentes/limc> <http://lattes.cnpq.br/4151505293020953>

² Slogan da WSPU - Women's Social and Political Union - fundada em 1903 por Emmeline Pankhurst e suas filhas, Christabel (1880-1958) e Estelle Sylvia Pankhurst (1882-1960).

Parecendo fazer crer que a República não tinha sido favorável às mulheres, leia-se, à causa da emancipação feminina, foi por inúmeras vezes aludido o facto de que somente em pleno Estado Novo lhes foi permitido exercer o voto. Na realidade, esta questão é bastante mais complexa e fracturante:

How soon could women have expected to overthrow thousands of years of male predominance in the political culture? Too much writing on this theme assumes that because there were not dramatic changes in gender roles shortly after the partial attainment of the vote, therefore there were no significant changes. There is a danger of measuring the impact of the vote by impossible standards, of expecting change to be unrealistically rapid, and of underestimating, by applying the values of later generations, shifts, which were more significant in the context of the 1920s and 1930s than they appear with hindsight. (Thane, 2001: 53)

O feminismo comportou desde sempre leituras apaixonadas, foi alvo de distorções, usado, abusado e ignorado. A questão do sufrágio feminino não é, por si só, capaz de justificar a importância que é (ou não), dada à condição feminina, pois toda uma complexa envolvente político-social, cuja influência deverá ser pesada, nela influiu determinantemente.

Ana de Castro Osório, dois meses após a Revolução, afirma ser o feminismo uma questão candente e diz esperar da República o cumprimento dos desideratos nele constantes:

A questão feminista em Portugal não é, demais a mais, novidade entre nós. Por mais desinteressada que a mulher do nosso país tenha vivido das grandes e fundamentais questões que noutros países preocupam as suas irmãs, é certo que temos tido sempre, de há trinta anos para cá, quem na imprensa sempre tenha mantido o fogo sagrado das reivindicações feministas. (...)

A mulher do povo em Portugal é o animal de carga para o trabalho, a vítima da brutalidade do homem, e a criada miserável dos filhos, que arrasta para a sua miséria e leva atrás de si como um traço de sangue e de lágrimas. (...)

Não tem esta mulher razão para ser feminista, sabendo que o marido tem o direito de lhe gastar na taverna a fêria que é o sustento dos filhos, que lhe pode vender, empenhar ou dar, os seus pobres móveis, a sua roupa, as suas pequenas queridas coisas?! Que o dinheiro ganho com o seu próprio suor, lhe pertence a ele administrá-lo, a ele o senhor, o dono da casa?! Por mais embrutecida que seja uma alma, por mais atormentada que seja uma consciência, haverá mulher que não compreenda quanto é injusto que o filho do seu sangue e das suas entranhas, o filho que criou ao seu peito e acalentou nos seus braços, possa ser-lhe arrancado pelo pai, que só ele tenha o direito de o dirigir e guardar na vida até à maioridade!?. (Osório, 1910)

As primeiras leis da jovem República são celebradas vivamente pelas feministas, entre elas, as leis da família, do divórcio e da separação do Estado e da Igreja. O sufrágio feminino, a não ser episodicamente, deixou sempre defraudadas as expectativas destas militantes. Feminismo e sufragismo formam, contudo, uma binomia cuja análise tem tomado a atenção dos mais distintos quadros internacionais. Também no nosso país este binarismo serviu de pano de fundo para alimentar discussões entre alas mais conservadoras e liberais, com particular incidência no advento da 1ª República.

Evocamos o dia 28 de Maio de 1911 como corolário de muitas e intensas lutas, na defesa e reconhecimento da plena cidadania às mulheres. Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911) corporiza a conquista de um direito. Não era uma mulher comum quando protagonizou um dos momentos mais emblemáticos do movimento sufragista português, representando já uma elite qualificada, profissional e culturalmente. Carolina havia superado muitas das etapas conducentes à direcção da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e à presidência da APF, sendo notada entre pares a sua actuação, que a tornara pioneira na cirurgia em Portugal. Outros factos, por certo menos divulgados à época, como presidir à Loja Humanidade e ter sido iniciada na Maçonaria, fizeram-na participar de um momento único na história da Revolução. José de Castro, seu conterrâneo³, nela depositara o voto de

³ Republicano, advogado com escritório em Lisboa (Rua de S. Julião, 118, 2.º Dt), fora na qualidade de grão-mestre em exercício, quem indigitara debaixo do maior sigilo maçónico, Carolina e Adelaide
GAUDIUM SCIENDI, Número 8, Julho 2015

confiança, para a confecção das bandeiras verde-rubras⁴, que anunciariam a vitória republicana. Quando acontecem as primeiras eleições do novo regime, Beatriz Ângelo tinha apenas 33 anos, uma filha a seu cargo e encontrava-se viúva, pois seu marido Januário Barreto⁵, havia falecido pouco antes. A sua reivindicação do direito ao voto assentava no facto de que, como chefe de família, nada obstava a que fosse considerada eleitora. Perante a sentença favorável do juiz João Baptista de Castro, Carolina apresentou-se como a primeira mulher portuguesa, cirurgiã, a votar. A importância deste facto é compreendida na sua mais vasta acepção, contemplando repercussões para lá das fronteiras nacionais:

Il est incontestable que le féminisme a obtenu, dans le jeune République Portugaise, le plus juste, le plus logique et le plus légal des triomphes, lors de la sentence prononcée par le juge de 1.^{ère} instance de Lisbonne, qui occupe une des plus hautes places de la magistrature portugaise. Cette sentence accorde le vote à la doctoresse. Caroline Beatriz Angelo qui l'a réclamé, en se basant sur les termes de la loi qui déclare électeur et éligible, sans exception de sexe, celui qui sait lire et écrire, est chef de famille et paye des contributions à l'Etat. (*Victoires du Féminisme*, 1911: 3)

A tradução feita imediatamente após o despacho judicial revela a preocupação, urgência e relevância em dar a conhecer a um universo mais alargado de leitores, a sentença favorável ao voto feminino. A circulação mundial de dados relativos à propaganda sufragista é notória. A *Capital*, diário republicano da noite, cedo a revela, juntando a seguinte legenda à imagem:

Cabete, para confeccionarem as bandeiras da Revolução que haviam de ser as da República (*Republicanos: Dr. José de Castro* 1).

⁴ Lousada, I. 2010. "Carolina Beatriz Ângelo: cúmplice e conspiradora", in *Catálogo Carolina Beatriz Ângelo: Intersecções dos sentidos/palavras, actos e imagens*, 24-27.

⁵ Morre a 23 de Junho de 1910, saindo o funeral, no dia seguinte, de sua residência, R. do Sol ao Rato, n.º 181, 1.º. até ao cemitério dos Prazeres, acompanhado de uma grande multidão. José de Castro é um dos oradores a prestar homenagem póstuma a este republicano convicto e empenhado Casapiano que fora um incansável médico e livre-pensador.

Na sua fúria de propaganda não se pode dizer que as feministas, neste bilhete-postal, que estão fazendo correr mundo, sejam muito amáveis para com os homens.

Em todo o caso a título de curiosidade e, ao mesmo tempo, de documentação de uma das questões que actualmente mais agita o mundo social, como é a feminista, reproduzimo-lo, traduzindo-lhe as legendas, para elucidação dos nossos leitores, que, porventura, não saibam francês, nem inglês, coisa que sucede a muita boa gente. (*Propaganda feminista por bilhete-postal*, 1910: 1)



A propaganda feminista circulava muito mais do que à primeira vista poderia supor-se, sendo que os principais veículos responsáveis pela circulação e promoção das ideias sufragistas, aqui e além fronteiras, eram sobretudo os órgãos noticiosos das organizações feministas activas em diversos países. Portugal não era excepção; é possível identificar um propósito de defesa do sufragismo, pela acuidade com que as conquistas eram divulgadas nos jornais dos movimentos associativos: *A Mulher e a Criança*, órgão da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909-1911), *A Madrugada* (1911-1918), *A Semeadora* (1915-1918), *Boletim do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (1914-1917), a que se segue *Alma Feminina* (1917-1946) e por último *A Mulher* (1946-1947), entre outros. A título de

exemplo apresentamos a notícia retirada do jornal da APF – Associação de Propaganda Feminista, em Outubro de 1912:

O movimento sufragista em Inglaterra assumiu proporções colossais. Basta dizer-se que a união nacional das associações sufragistas compreende mais de 200 sociedades. A presidente é Mrs. [Millicent] Fawcett, doutora em leis.

A união política e social a que pertencem as “suffragettes” foi fundada por Mrs. Pankhurst há 6 anos, e conta actualmente nada menos de seiscentos contos de fundos. A associação sufragista das mulheres conservadoras e unionistas é presidida pela condessa de Selbourns e a sociedade londrina para o sufrágio da mulher por Lady Francis Balfour. Os ingleses, por seu lado, com o mais galante dos entusiasmos, até agora já organizaram cinco associações, cujos membros todos pertencem ao sexo masculino, para reclamar o voto da mulher.

E o seu exemplo vai fortificando: na Holanda formou-se recentemente uma sociedade nas mesmas condições. Coisas que acontecem lá fora... . (*Através do mundo*, 1912: 28)

Já nos periódicos generalistas, as notícias em torno do sufragismo assumiam, regra geral, contornos próximos dos detractores do feminismo. Na primeira década do século XX, a construção de uma imagem negativa das mulheres que se batiam pela emancipação feminina, e em particular pela defesa de direitos políticos, baseava-se numa colagem muito próxima às iniciativas das “suffragettes”, termo designando as sufragistas, cujo tipo de militância imprimiu estratégias aguerridas nas campanhas a favor do voto feminino, sendo membros da WSPU (Abreu, 2002: 443-469).

A alusão aos desacatos e aos distúrbios por elas desencadeados em Inglaterra é também encontrada nos periódicos em Portugal, denunciando um pendor anti-sufragista. A figura feminina mais fortemente atacada era precisamente a presidente e fundadora da WSPU, Emmeline Pankhurst (1858-1928): “Lá está Mrs. Pankhurst, disfarçada no *peplos* amarelo e nos sócos doirados de ‘Praxagora’” (Borges, 1913: 186-187).

Tudo leva a crer também que a eleição do *Journal* decorrerá tranquila. Em Inglaterra, um jornal que tentasse um semelhante empreendimento

incorreria numa grave responsabilidade. As sufragistas britânicas são, como se sabe, de um carácter eminentemente irascível e têm uma decidida predilecção pelos meios violentos. Agora mesmo, tendo-lhes o regresso de Mrs. Pankhurst dado alentos novos, elas recomeçaram a sua propaganda por uma forma particularmente agressiva. Há dias, em Glasgow, após um discurso da célebre feminista, que provocou a intervenção da polícia, houve acontecimentos graves. Os agentes foram recebidos, primeiros a bengalas, depois a tiros de revólver; voaram as cadeiras; houve bombas. Alguns polícias foram transportados ao hospital. Mrs. Pankhurst regressou à prisão...

Esse regresso não foi visto sem indignação pelas partidárias da terrível senhora, e uma delas, para manifestar o seu protesto, nada encontrou de melhor do que ir à National Gallery de Londres golpear a *Vénus ao espelho*, de Velasquez. Aterrado, o governo inglês mandou fechar os museus e a maior parte dos edifícios públicos contendo obras de arte. Na câmara dos comuns, o Ministro do Interior pediu que lhe sugerissem um meio de se ver livre das sufragistas. “Deporte-as para a África do Sul!” - gritou-lhe um deputado; outros aplaudiram. E o ministro da livre Inglaterra hesita ainda em recorrer aos meios radicais. Mas houve já estações de caminhos-de-ferro incendiadas, descarrilaram comboios, as mulheres agrediram ministros, ameaçaram o rei. O ministro acabará por reconhecer que a liberdade de propaganda das sufragistas acaba ou, pelo menos legalmente deve acabar, na altura onde começa para todos os ingleses a liberdade de transitar em comboio, ou a pé, sem encontros desagradáveis, nos domínios do seu rei.

Em França esses desmandos não são, creio eu, para temer. Uma sufragista foi há pouco ao Palais-Bourbon fazer a sua propaganda oferecendo flores. E os deputados, comovidos, deram-lhe logo quantas assinaturas ela lhes pediu para uma petição que dizia nem eles mesmos quiseram saber o quê. Essa sufragista não esquecera as *ruses* do seu sexo, que, aliás já vêm da Bíblia e se perpetuaram infatigavelmente através de todas as gerações. A

mulher tem uma grande força, quando sabe usar dela: a sedução. Nunca de outra usou com melhor êxito. Nunca encontrou nem encontrará outro meio mais eficaz de dominar o homem. Assim ela lhe fez nos mais remotos tempos engolir uma maçã de circunstância, assim ela lhe poderá fazer engolir amanhã o seu exclusivismo em matéria de direitos eleitorais. De outro modo parece-me que não.

Mas miss Richardson... a sedução... Ah! Sim, compreendo; todos compreendem, de resto, contemplando um instante a fotografia do quadro golpeado e a dessa miss que o golpeou. E começa-se suspeitando à fúria feminista causas menos filosóficas – e, por bem paradoxal que isso pareça, mais profundas.

A *Vénus* de Velasquez, é uma linda figura, que não cuida de esconder de ninguém os seus encantos. Miss Richardson não tem encantos e esconde mal a ausência deles. É uma mulher ossuda e grande, de nariz longo, focinho em ponta, a boca larga. Seios não tem, nem ancas. O seu casaco é o casaco de um homem, feito fora de Londres; o seu chapéu é um chapéu inverosímil. Um jornal di-la trajada de *boy-scout*; é uma injúria gratuita à garbosa elegância desses jovens cidadãos.

Com que prazer, ou, melhor dizendo, com que fúria ciumenta e vingadora essa miss chata e dura deveria ter vibrado os golpes iconoclastas nas ancas robustas da admirável mulher do quadro de Velasquez!

Isso explica muita coisa. Creio que era Alphonse Karr quem dizia, ao ver o primeiro livro de uma mulher de letras: “Que pena! Um livro a mais e uma mulher a menos...” Generalizando, ele era injusto. Mas alguém poderia ajustar a frase, com certo êxito, às sufragistas de além-mancha. As de aquém têm outra mentalidade e, sobretudo, outros vestidos.

De resto – aqui entre nós – eu não espero muito do plebiscito do *Journal*. Em França o feminismo tem outra forma. Na Inglaterra, as mulheres querem ter o direito de ser homem: Aqui, elas pretendem a liberdade para poderem mais livremente ser mulheres. (Osório, 1914: 1)

Este artigo é indicativo de uma “publicidade negativa”, acabando por beneficiar os grupos mais conservadores que estavam empenhados em denegrir e contrariar o movimento sufragista que se vinha afirmando noutros países. Em 1915, ano em que se funda a Associação Feminina de Propaganda Democrática, é publicada a “Décima terceira carta – Sobre o Feminismo e o Sufragismo”, de Eurico de Seabra:

Boa Ângela

Tu, que és moça e que és linda, escreves-me, apavorada ou quase lacrimosa, uma carta que me comoveu. Acabas de ler os jornais de Londres (que Miss Hughes, a tua mestra, pôs, inconscientemente, sobre o teu regaço) e neles vês notícias que te aterraram. Que leste tu, minha doce amiguinha, nas gazetas britânicas que folheaste?

Nada mais, como vejo das tuas linhas, que os relatos desenvolvidos das últimas façanhas das sufragistas. *Miss Pankhurst*, a soberana delas, tem alentado os maiores atentados. Para si, todo o temeroso drama se sintetiza neste espectáculo horrível: muitas mil mulheres revolucionárias esqueléticas, frementes, e de bengala na mão, e uivando, berrando, partindo, e destruindo! A fúria dessas mulheres enche-te de tristeza e espanto.

É cheia de viveza e de pitoresco aquela passagem da tua carta em que tu aludes a uma sub-chefe ou lugar tenente de *Pankhurst*, que, vestida meio de homem, meio de mulher, esbofeteou um ministro britânico e arrancou pêlos do bigode a um velho *lord* inglês. Ri com o episódio dessa outra que, fumando cachimbo, e de chapéu alto sobre a trunfa dos cabelos revoltos, pregava, num *square* londrino, encavalitada num peão de pedra, a necessidade de que as esposas fizessem, dentro dos lares, a greve aos maridos.

É delicioso, adorável de graça, tudo o que me dizes a respeito das diabruras praticadas pelo sexo frágil inglês. Achei interessantíssima toda a tua mal reprimida cólera contra essas criaturas, que abandonando os ateliers e as fábricas, empunhando bandeiras e empunhando chuços, com legendas de vindicta, ameaças de sangue, proclamações incendiárias, se infileiram em

cortejos, e se congregam nas praças, para apostrofar o homem, e reivindicar direitos pares ou superiores dos algozes que as oprimem. (Seabra: 139-140)

A desconstrução destes estereótipos foi uma tarefa hercúlea para as feministas, tantas vezes também sufragistas, que se tinham de confrontar com uma imagem feminina que exaltava a “virtude” da mulher bela, cândida, dócil, subordinada ao seu papel de donzela e munida com as artes da sedução, fazendo crer que, com esses atributos, dominava o mundo. Subtis jogos de manipulação transparecem em muitos escritos de autores da época, como Júlio Dantas, que os expressa claramente:

Desde 400 anos antes de Cristo têm sido sempre as mulheres que têm governado o mundo – e quem sabe se será por isso que o mundo se tem governado tão mal. Dêem-lhes amanhã o direito de voto, abram-lhes o parlamento e as secretarias de Estado, sentem-nas nas cadeiras do poder – e nesse dia, perdido o seu encanto feminino, desaparecida a prodigiosa força da sua fraqueza, elas deixarão para sempre de nos governar. (Borges, 1913: 188)

E mais adiante conjuga outro estereótipo, usado com afinco pelos anti-sufragistas: a mulher emancipada torna-se uma mulher-homem:

A Mulher inglesa é uma criatura que me causa calafrios. Vê-la discursando num comício ou dando canivetadas sacrílegas num quadro de pintor celebre – dá-me apetite estrangulá-la. De bela que pode ser a mulher, e loira, de olhos negros, de faces brancas, fronte altiva, formosa – ela transforma-se. Aparece-me desnalgada e esquelética. Substitui a blusa pelo casaco. Traz na cabeça um chapéu molde branco, ao pescoço um colarinho e uma Lavalliére. Na boca, negreja-lhe, entre o fumo, um cachimbo de marinho. E quando fala, não fala de Amor. Fala de direitos e reivindicações.

Já ouvi dizer que havia sufragistas e feministas bonitas. Tu acreditas? Eu, por mim, não acredito. Deve ser *boutade* dos jornais. O Sufragismo e o Feminismo, como doenças da alma, atacam e pervertem as feições. A sufragista e a feminista, à força de se masculinizarem, ficam machos. Se é, como ensina a fisiologia, a função que cria o órgão, a sufragista e a feminista, serão homens em

duas gerações, e terão em dez forte barba, como os porta-machados e os marchais moscovitas. (Seabra: 142-143)

Segundo estes autores, ao recusar o papel passivo que lhes está reservado, as mulheres tornam-se criaturas indesejáveis, que afastam os pretendentes e aniquilam hipóteses de reinar, pois sendo humildes e submissas é que conquistam generais e reis, e dominam o mundo. Refira-se como alguns reputados republicanos foram acusados pelas feministas por expressarem este mesmo sentir. Na defesa da condição feminina, Ana de Castro Osório argumentava, com convicção:

A mulher, na sua justa aspiração, não quer ser a concorrente odiada do homem, mas a sua leal cooperadora. (...) O homem trabalha para viver e à mulher sucede o mesmo, visto que a aspiração suprema do feminismo é arrancar a mulher à miséria social da abjecta prostituição, como a essa outra prostituição legal: o casamento “modo de vida”. Por isso, em duas únicas frases se resume o verdadeiro feminismo: Para igual trabalho, paga igual. Perante a lei todos os indivíduos devem ser iguais. Porque uma lei que distingue sexos é tão injusta como aquela que distingue classes ou primazias de vencimento e fortuna. (Osório, 1907: 31-32)

Combatendo o mesmo mal encontramos Adelaide Cabete, alguns anos depois, revelando o quão lento era o progresso das ideias feministas:

Porém, se no maior auge do seu entusiasmo feminista paternal pedirmos para que tragam para junto de nós as esposas, para nos auxiliarem na nossa propaganda, imediatamente os nossos feministas mudam de opinião, os seus olhos deixam de brilhar, o seu rosto torna-se triste; enfim, a sua viseira tornou-se maior do que a do Marquês de Pombal, e começam logo por dizer que temos razão, “mas” e mais outro “mas”, que nós bem sabemos o que eles querem explicar com este “mas”...

Na segunda fase, é o marido, senhor por completo de todos os poderes da subjugada, que nem dos trapos de que faz uso, nem das propriedades que seus pais lhe deixaram, nem das agulhas e dedal com que cose as meias ao marido,

pode ser, por lei, senhora, para dispor como entender desses objectos. Portanto, o marido, senhor dito tudo, como pode ver-se privado da escrava? Não! Não pode, e daqui nasce a dualidade de carácter de que me fala.

E, porque não lhe fazemos justiça, dizendo que talvez tenha razão? Não faríamos nós o mesmo, se estivéssemos no lugar dele? Não é o orgulho dos homens, como se costuma chamar: é o “egoísmo humano”.

E, como não gosto de me enfeitar com as penas do pavão, sempre direi à minha amiga, antes de terminar esta carta, que foi um homem que me ensinou a usar desta tática.

Discutindo eu com alguém a maneira de iniciar a minha propaganda feminista, e tendo eu a opinião de que esta propaganda se deve fazer tanto nos homens como nas mulheres, esse alguém, esse homem, aprovando a minha ideia, disse-me, porém, que essa propaganda seria infrutífera entre os maridos, mas que, pelo contrário, tornar-se-ia de grande alcance, se a fizesse entre os homens que tivessem filhas.

Aceitei o conselho, e assim tenho feito; e realmente tenho observado as metamorfoses que há pouco afirmei.

Já vê V. Ex.^a que a sua carta veio apenas corroborar a opinião que eu tinha há muito a esse respeito.

E o conselho que lhe dou é o mesmo que me deram a mim. Faça, minha amiga, propaganda feminista entre os homens que tenham filhas. Não sejamos egoístas: para que o nosso trabalho seja perfeito e seguro, preparemo-lo para as mulheres de amanhã o aproveitarem.

E o que V. Ex.^a tem a fazer desde já é preparar as suas duas filhas para viverem do seu trabalho honesto, visto que não são ricas, e dar-lhes uma perfeita noção da sua dignidade pessoal, ilustrá-las e dignificá-las, de modo que os maridos vejam nelas mais alguma coisa do que a besta de carga e a máquina de fazer filhos, como dizem alguns escritores balofos e algumas banalidades masculinas. (Cabete, 1925: 66)

Não deixa de ser curioso o modo como Maria Veleda adverte as companheiras no artigo “Roosevelt e o Feminismo”, publicado em 1912 em *A Mulher Portuguesa*⁶. Veleda, revelando os triunfos da causa feminista na cena internacional, mostra pretender afastar do panorama nacional, o epíteto com que foram estigmatizadas as *suffragettes*, acentuando as diferenças patentes no nosso país:

A nossa atitude, como feministas, deve continuar sendo como tem sido até agora, correcta e pacífica, mantendo-nos serenamente na defensiva. Nunca precisaremos ir tão longe como as inglesas, já porque as leis do nosso país nos são menos desfavoráveis, já porque o homem português – mesmo quando pretende contrariar as nossas aspirações libertadoras – procede mais por ignorância ou por querer fazer espírito, do que por maldade ou consciente desejo de escravizar. (Veleda, 1912: 26)

Depois do voto de Carolina Beatriz Ângelo, em 28 de Maio de 1911, animaram-se as sufragistas acreditando estar para breve a concessão de voto às mulheres. Não deixaram, porém, de apelar para a união de esforços para que, pelo menos, o sufrágio restrito lhes fosse concedido. Sobre este aspecto ouviram-se algumas vozes contrárias, sendo a mais notada a de Maria Veleda, atribuindo-se-lhe a expressão de radicalidade ao pretender abdicar do sufrágio se este não viesse a ser universal. Na folha mensal *A Madrugada*, propriedade da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, e dirigida pela própria Veleda, refere, em 1911, sob o título “Emancipação da Mulher”:

Ainda não há muito tempo o asseverou um dos mais esforçados e previdentes paladinos da emancipação da Pátria, Afonso Costa, por estas palavras: “...a obra da emancipação da mulher, sob os pontos de vista civil e político, se realizará num futuro não muito longínquo em Portugal, sendo todavia necessário que essa conquista se não faça precipitadamente”.

Com mais ou menos advérbios dilatatórios, o arrojado ministro do governo provisório da República proclamou uma verdade, que significa a mais grata aspiração da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, por ser o credo firme

⁶ Dirigida por Ana de Castro Osório e tendo por redactora principal Joana de Almeida Nogueira.

e inalterável da sua doutrina de igualdade dos sexos perante a sociedade.

(Veleda, 1911: 1)

Consoante as convicções que defendiam, também os diferentes órgãos de informação assinalavam com maior ou menor preponderância as notícias e as ocorrências relacionadas com os movimentos internacionais sufragistas. Procurando reforçar a importância do sufragismo em Inglaterra e contrariando a imagem mais agressiva com que eram mostradas as exuberantes manifestações das *suffragettes*, o periódico *O Mundo*, através da rubrica intitulada “Jornal da Mulher”, havia assinalado a viagem de Mrs. Pankhurst por França, dando a conhecer aos seus/suas leitoras as reivindicações das sufragistas inglesas; o artigo “As sufragistas da Inglaterra” referia:

É evidente que a capacidade intelectual da mulher atrofiada por tantas recusas por uma escravidão sem limites nem desculpa, justifica perfeitamente, a sua exclusão do domínio legislativo como de resto de todo o domínio social. Mas depois de devidamente educada, com o espírito levantado por uma ilustração sólida e indiscutível a causa dessa exclusão deixa de existir completamente e negar-se-lhe o direito de voto como vedar-se-lhe a sua interferência nos destinos morais e políticos da nação a que pertencer torna-se um sacrilégio contra a justiça. (*As sufragistas da Inglaterra*: 4)

E adiante, depois de assinalar ter usado a mulher inglesa de “processos violentos e algo ridículos para conseguir o seu fim” revela o facto de terem promovido a “semana da paixão”, uma iniciativa singular:

Todas as mulheres contribuíram financeiramente para o combate pelo sufrágio – as operarias com os seus salários, as jornalistas com os seus vencimentos, as escritoras com o produto da venda dos seus livros durante essa semana e ainda as grandes damas com os penhores que faziam das suas jóias mais belas e preciosas. (*As sufragistas da Inglaterra*: 4)

Do mesmo modo como mais tarde será recordada e enaltecida a luta de Pankhurst:

Mrs. Emmelyne Pankhurst, nascida em Manchester em 1858 foi infatigável pioneira dos direitos da mulher. Esposa dedicada e mãe extremosa de cinco filhos, combateu duramente para conseguir que o direito de voto fosse concedido às mulheres (...) o esforço de Mrs Pankhurst e das suas companheiras – para obterem o direito de voto – sofrendo vexames pelas ruas, sujeitando-se à prisão... *.(O caminho percorrido: 9)*

O debate parlamentar de 1 de Julho de 1912, teve como interlocutores José de Castro, Artur Costa, Ladislau Piçarra e Nunes da Mata; o excerto seguinte deixa claro os termos animados em que esse decorreu:

Parece-me que a mulher portuguesa, no momento actual, não está suficientemente educada para ter o direito ao voto. E demais, quais são as mulheres portuguesas que querem o direito ao voto? Pode dizer-se que é uma pequeníssima minoria, duas por cada cem.

Sr. Presidente: a mulher, verdadeiramente mulher, é aquela que é boa esposa, boa mãe e boa irmã, é aquela que não se deixa levar por falsas teorias, aquela que põe de parte a política para se ocupar da vida doméstica, de fazer a felicidade da sua família. Para a mulher, a verdadeira teoria é a que ensina a ser a deusa do lar, a companheira do homem. Ela é por certo, pelas suas qualidades afectivas, a parte do sentimento que falta ao homem; como este é para a mulher a parte da inteligência e da força que lhe falta.

A mulher é igual ao homem?

Não é. Não é, nem debaixo do ponto de vista fisiológico, nem debaixo do ponto de vista intelectual.

A mulher tem com efeito sentimentos tão delicados, afectos de alma tão intensos, espírito de sacrifício tão extraordinário, que o homem jamais poderá atingir. Mas poderá a mulher comparar-se ao homem nos trabalhos intelectuais, na persistência da conquista dum ideal, seja político, seja científico ou pessoal?

Quem tem feito as intensas descobertas?

Quem tem fundado os vários sistemas filosóficos?

Quem tem criado as várias religiões?

Sempre os homens.

Apresentam-se moderadamente mulheres como Madame Roland, Madame Stael, Madame Curie, mulheres que conquistaram posições elevadas na política, nas letras e nas ciências; todavia, essas mulheres célebres e outras muitas de que nos fala a história constituem verdadeiras excepções.

Desde que a mulher sai do seu lar para se entregar às lutas políticas, deixa de cumprir a sua verdadeira missão e não pode ser boa esposa, boa mãe e boa irmã. (...)

O Orador: Repare V.Ex.^a no seguinte: enquanto as sufragistas tiverem aquela cara das inglesas, cujas fotografias andam pelos jornais, pode ter a certeza de que não lhes dava o meu voto. (risos)

O Sr. Artur Costa: Podem ser feias algumas mulheres e terem inteligência.

O Orador: Mulher feia a valer de cara é feia em inteligência. Se for extraordinariamente inteligente nem a cara se lhe chega a ver. E V. Ex.^a sabe melhor do que eu: a perfeição do corpo dá a perfeição da alma. Já lá vai o tempo em que a psicologia vivia divorciada da fisiologia. Hoje a perfeição intelectual do ser humano é uma resultante da perfeição fisiológica. Se os órgãos não forem perfeitos não poderão funcionar com a perfeição. A inteligência é uma função do cérebro. Já não estamos no tempo daquela frase: feia de corpo, bonita de alma. Onde é que V. Ex.^a vê uma criatura perfeita nas formas ou, melhor, no organismo, que não seja um espírito perfeito? A Grécia conhecia este princípio. Há excepções à regra, não há dúvida, mas isso confirma a regra.

O Sr. Nunes da Mata: As excepções provêm da educação. Há uma filha interessante e outra não interessante. A que é pouco bonita trata de suprir esse defeito pelo estudo (*Debate Parlamentar*) [sublinhados nossos].

Ou ainda:

Mistress Pankhurst foi aqui presa quando estava fazendo uma conferência. A prisão deu origem a violentos tumultos entre as sufragistas e a polícia, que foi

provocada e atacada à bengalada, sendo-lhe também arremessados vasos com flores e algumas bombas.

Os agentes, armados de bastão tomaram de assalto a tribuna, que estava defendida por fios de ferro ocultos sob grinaldas de flores. A desordem foi então medonha e nela ficaram feridos muitos guardas.

A prisioneira foi içada à força para uma carruagem e conduzida ao posto de polícia. As sufragistas foram ainda atacar o posto, mas interveio a polícia a cavalo, que finalmente as dispersou. (*Mulheres do Diabo*, 1914)

O texto de Maria O'Neill, "O voto às mulheres", é esclarecedor do desencanto da escritora face ao desenlace perante apresentação do projecto de lei socialista, em 1920:

A voz da mulher serviu na propaganda pública, a sua acção fez-se sentir no trabalho clandestino, mas, aproveitada como um instrumento, não lhe reconheceram capacidade para defender os seus direitos.

Qualquer camponês sem ilustração, pela simples razão de que é homem, tem o direito de votar, embora não dê ao acto a alta significação que tem. Só em raros países se vê, de facto, a mulher num estado tão precário como entre nós.

As mulheres foram ludibriadas; não vem para aqui essa história, que é longa. É preciso que não continuem a sê-lo.

Elas têm no país uma força imensa, se quiserem acordar da sua apatia e interessar-se por quanto lhes diz respeito. Soou a hora de lhes gritarmos: "É tempo!". (O'Neill, 1920)

Maria O'Neill mostra-se revoltada contra o modo como vinha sendo colocada a questão, e instiga à luta. Mas sem efeitos práticos; só em 1931, o sufrágio viria a ser concedido às mulheres chefes de família, se diplomadas e maiores de 21 anos. A recusa na concessão do voto à mulher em Portugal, antes dos anos de chumbo, era atribuída à sua falta de preparação e de independência, tornando-a facilmente manipulável, como Veleda deixa transparecer: "Eu queria que as mulheres votassem, quando não corressem o risco de ser empurradas, insultadas pelo primeiro ébrio que vá, bordo aqui, bordo ali, votar no primeiro candidato, que lhe comprou a consciência a troca de um copo de absinto." (Veleda, 1909:

148). E Ana de Castro Osório - usando o pseudónimo A[nn] Moore - refutando os argumentos de um texto publicado em *A Luta*, publica em *A Madrugada* de 30 de Junho de 1912:

O mulherio é reaccionário e católico? Isso somente prova a estupidez do homem. Ele, no seu egoísmo, na brutalidade do seu desejo de mando, conservou a mulher na dependência moral dos ignorantes, dos escravos. Agora chega o momento fatal em todas as sociedades, da emancipação material e legal da mulher – a menor, a protegida de ontem – e ela encontra-se nas mãos dos padres! De quem é a culpa? Do homem, apenas do homem! (...) Não querem que o voto da mulher seja reaccionário? ... Também nós não, por isso o pedimos, de princípio, bem limitado, e tratámos sempre de educar as nossas irmãs e propagandear as ideias mais liberais; mas quererem afastar a mulher da urna porque ela é o que os homens quiseram que se conservasse, isso não o conseguem. (Osório, 1912: 1)

Seguindo a trajectória e as etapas dos movimentos sufragistas britânicos e americanos, também em Portugal as primeiras vitórias no campo da participação política feminina se deram a nível regional, como resulta claro do precoce envolvimento de Ana de Castro Osório em Cuba, e de Maria Isabel Correia Manso na defesa dessa participação:

O assunto é tão urgente, que nos últimos congressos agrícolas se têm sempre formulado votos no sentido de dar à mulher, pela instrução, o verdadeiro lugar que lhe compete na agricultura e indústrias agrícolas. Foi após o Congresso Internacional Feminino realizado em Londres em 1899, que se formou a União Internacional Feminina Agrícola e Hortícola (...). Esta liga tem por fim reunir todas as mulheres dos países que se interessam pela agricultura, para que se auxiliem e vulgarizem os melhores métodos. (Osório, 1915: 27)

- 1.^a A intervenção da mulher nos negócios municipais é moral e útil, dela advirá uma melhor aplicação dos rendimentos camarários.
- 2.^a A mulher edil, por natureza e por sentimento, melhor compreende a necessidade de organizar no seu concelho uma obra de solidariedade e de assistência social. (...)

A mulher de hoje já não pode ser a de há cinquenta anos, embiocada em casa a rezar e a auferir o que o homem lhe ganha...O homem do campo não se julga deprimido por consultar a sua companheira em todos os seus negócios e nunca decide sem o seu conselho; não seria pois de estranhar que no governo – tão importante para os povos – das duas municipalidades, a mulher seja chamada a auxiliar com o seu bom senso e inteligência, o homem sempre cada vez mais sobrecarregado de múltiplos trabalhos. (Manso, 1924: 2-4)

A concluir, importa notar os últimos registos localizados a propósito da mais enérgica *sufragete* que temos vindo a acompanhar no nosso país, e se tornou no estandarte vivo do movimento sufragista britânico. A morte de Emmeline Pankhurst não passou despercebida em Portugal, e a recepção da notícia provocou diferentes reacções. Desde logo o *Notícias Ilustrado* publicou uma foto com a seguinte legenda: “Mrs Pankhurst, a célebre sufragista inglesa – a continuamente condenada por desobediência à polícia - faleceu há pouco com 70 anos de idade. Ei-la, acompanhada de sua filha [Christabel], ostentando o traje do regulamento nas prisões inglesas”. É interessante notar que na mesma página se insere uma foto do II Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo CNMP – Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, entre 24 e 28 de Junho de 1928, retratando a mesa da presidência onde se encontravam, entre outras, Adelaide Cabete e Maria O’Neill. A Presidente do CNMP acompanha as notícias e oportunamente alude à injusta apreciação com que a sufragista era “brindada”. Defendendo as feministas, afirma, em 1928:

Foi assim que sucedeu aquela bela mulher inglesa, a célebre Pankhurst que até depois de morta foi escarnecida num jornal da nossa terra!

Foi devido a ela e a uma dúzia de mulheres que a rodearam que o voto foi dado à mulher em Inglaterra, mas logo que a vitória se alcançou foram contempladas, primeiro as mulheres e filhas daqueles que tanto se tinham oposto a dar a sanção ao voto, que com tanta luta e abnegação tinha sido conquistado por uma plêiade de mulheres que Pankhurst capitaneava, com a bravura própria dos costumes do seu país.

Pois, com o voto das mulheres, em Portugal, há-de acontecer o mesmo. Hão-de ser as esposas e as filhas daqueles que se opõem aos nossos justos ideais que

alcançarão seus proveitos, apesar de, com desdém doentio, parecer que os desprezam e até se enojam!”. (Cabete, 9-11)

Adelaide Cabete recupera a figura desta sufragista histórica e é possível, a partir de um texto seu editado em 1932, traçar uma biografia distinta de muitas outras. Revela um enorme respeito pela mulher notável, a quem fora apresentada em Nova Iorque na Convenção Nacional Feminista de 1925, lembrando ter sido injustamente ridicularizada ao longo da sua vida, pelas justas causas que defendia:

Quando ela falou, fez-se, no vasto salão, um silêncio profundo. Em quase todos os rostos brotavam lágrimas de profunda comoção. Tinha estado no campo da guerra e relatava todas as calamidades e atrocidades que tinha observado (...) o respeito pela vida humana, o horror pelas guerras e o desejo de uma paz universal, eram tão persuasivas e tão comoventes as suas bondosas e criteriosas palavras que faziam vibrar os corações dos milhares de ouvintes. A figura não era menos impressionante. Nada parecida com aquela figura pelos jornais, que não duvidavam conduzir em erro os seus leitores, só para ridicularizarem uma mulher que se empenha pela sua coerência, pela sua pertinência, servida por uma inteligência robusta e equilibrada. Rosto bonito, simpático, insinuante, cabeça toda branca, artística e naturalmente ondulada. (...) Pois bem; lendo depois, nestas longínquas paragens, *La Illustration*, deparei com a notícia da inauguração do monumento erigido à memória daquela intrépida e corajosa sufragista inglesa, num dos melhores jardins de Londres, e vejo que a estátua que a representa não é mais do que a confirmação das minhas palavras e do meu sentir. A sua seráfica figura mais parece uma das estátuas que ornaram as galerias do Vaticano, que tanto nos impressionam, do que a de uma agitadora destrambelhada, como a apresentavam. A Inglaterra prestou-lhe já as suas homenagens, e o mais interessante foi que as pessoas que mais guerrearam e ridicularizaram Mrs. Pankhurst, foram as que apresentaram a primeira candidata ao parlamento. (Cabete, 1932: 1-2)

Num momento de lucidez invejável, Adelaide Cabete quis denunciar quanto oportunismo marcara a agenda dos feminismos no nosso país, assim como na Grã-Bretanha, reabilitando a líder Mrs. Pankhurst e desfazendo equívocos alimentados por leituras maniqueístas, visando diabolizar em vida quem a título póstumo entronizavam.

Referências bibliográficas:

- “O caminho percorrido”. *A Mulher* 1 (1946): 9-10.
Debate Parlamentar, Sessão Nº 129. (1 de Jul. 1912).
“Mulheres do Diabo!”. *O Século* (11 Mar. 1914).
“Propaganda feminista por bilhete-postal”. *A Capital* (24 Dez. 1910): 1.
Notícias Ilustrado 3 (1928): 18.
“Republicanos: Dr. José de Castro”. *O Mundo* (29 Dez. 1906): 1.
“As Sufragistas da Inglaterra”. *O Mundo*.
Abreu, Zina. “Luta das mulheres pelo direito de voto – movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos”. *Arquipélago História* 6 (2002): 443-469.
Associação Portuguesa de Propaganda Feminista. *Victoires du Féminisme – Le vote de la femme en Portugal: Une sentence favorable*. (1911).
-----, “Através do mundo”. *A Mulher Portuguesa* 4 (Out. 1912): 28-29.
Borges, França (ed). *Almanaque de O Mundo para 1914*. Lisboa: Tip. Casa Portuguesa, 1913.
Cabete, Adelaide. “A dobrez do homem: o pai e o marido perante a mulher”. *Educação Social* 3 (15 Mar. 1925): 66.
-----, “O horror à palavra ‘feminismo’”. *Alma Feminina* 6 (Nov.-Dez. 1928): 9-11.
-----, “Mrs Pankhurst”. *A Província de Angola* (22 Ago. 1932): 1-2.
Lousada, Isabel. “Carolina Beatriz Ângelo: cúmplice e conspiradora”. In *Catálogo Carolina Beatriz Ângelo: Intersecções dos sentidos/palavras, actos e imagens*, 24-27. Guarda: IMC/Museu da Guarda, 2010.
Manso, Maria Isabel Correia. *A Mulher na Administração dos Municípios*. Lisboa: Tip. Garrett, 1924.
O'Neill, Maria. “O voto às mulheres”. *O Combate* 298 (20 Fev. 1920).
Osório, Ana de Castro. “Avante pelo Feminismo! Ser feminista é ser justo! A obra de emancipação feminina deve ser a obra da mulher”. *A Capital* 160 (8 Dez. 1910).
-----, “Feminismo”. *Almanaque Democrático para 1908* (1907): 31-32.
-----, “Voto de mulheres”. *A Madrugada* 11 (30 Jun. 1912): 1.
-----, *A Mulher na agricultura, nas indústrias regionais e na administração municipal*. Lisboa: Casa Editora Para as Crianças, 1915.
Osório, Paulo. “Cartas de Paris: Vote for Women”. *O Século* (20 Mar. 1914): 1.
Seabra, Eurico de. *Cartas a Mulheres. Décima terceira carta – Sobre o Feminismo e o Sufragismo*. Porto: Tip. Porto Médico, 1915: 139-152.
Thane, Pat. “What difference did the vote make?”. In *Political systems and definitions of gender roles*, 53-81. Edizion Plus: Università di Pisa, 2001.
Veleda, Maria. *A Conquista*. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho editor, 1909.

-----, "Emancipação da Mulher". *A Madrugada* 4 (30 Nov. 1911): 1.

-----, "Roosevelt e o Feminismo". *A Mulher Portuguesa* 4 (Out. 1912): 1-2.